

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTOR—D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento.

BRAGA—3 DE JUNHO

Como são tractados os homens da justiça e da verdade

Transcrevemos da «Cruz» os periodos seguintes:

O Unigenito Filho de Deus, por fallar verdade nua e crua, que cousas e de que classes de pessoas deixou de soffrer?

Foi chamado glotão, bebedor do vinho, blasphemo, endemoninhado, violador da lei, revolucionario, perturbador, faccioso, iniquo, illitterato, doudo, galileu, seductor, etc. etc. etc.;

Foi traído por Judas, accusado pelos Escribas e Phariseus, reprovado por Caiphás e Summos Sacerdotes, posposto a Barrabás, flagelado pelos carnicífes, coroado de espinhos, proclamado pelo povo, para ser crucificado, condemnado por Pilatos, crucificado entre dous ladrões...

E deixou como melhor herança e divisa aos seus verdadeiros discípulos, o serem tidos por dignos de perseguições e tribulações por causa de justiça e verdade.

O que não soffreram os Apostolos e a Igreja e como não foram elles denominados? Os *actos dos apostolos*, os fastos da Igreja attestam unanimes os tormentos que a iniquidade dos homens pôde escogitar.

O santo Pio IX, este prodigioso Pontifice, devendo, qual dextro cirurgião, lançar e pensar a gangrena que minava a existencia da humanidade, por meio do nefasto dragão do liberalismo, d'essa heresia geral e anti-social, desde o primeiro alarme d'esta Sentinella da verdade, desde o primeiro grito dos sentidissimos e pungentes ais do estremo Pae da Igreja universal e da humanidade geral até o seu glorioso fim da longa lucta do seu prodigioso pontificado foi perseguido por mil e um modos, por mil e um poderosos;

Foi o innocente Pontifice da Immaculada, appellidado fanatico, intransigente, obscurantista, retrogrado, incendiario, exaltado, revolucionario, carrasco, barbaro, absolutista, oppressor, innovador, maçom, libertino, etc. etc.

Foi despojado dos seus bens, reduzido a viver de esmolas, prezo, sujeito a mil ultrages e desacatos dos maiores homens do seculo;

Foi cercado de horribes calumnias e objecto de maiores sarcasmos e humilhações;

E no meio de tudo isso não faltaram homens que dizendo-se amigos cordatos, de todas as cathogorias e posições, que condemnando o procedimento do Santo Papa, como contrario ás maximas e espirito do Evangelho, achavam toda a razão aos seus perseguidores.

Da «Palavra» transcrevemos o communicado que se lerá abaixo, e a introdução com que o acompanhou a illustrada redacção d'aquelle jornal:

Recebemos do ex.^{mo} sr. Egidio Azevedo, secretario do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz, um communicado, em que s. ex.^a se defende das miserrimas asserções criticas feitas por um escrevinhador da «Aurora do Cavado» á sua bella obra, os *Escriptos Religiosos*, recentemente editadas pelo sr. Ernesto Chardron.

Se o critico da «Aurora do Cavado» não tivesse tido mais em vista aggre-

venerando Prelado da archidiocese de Braga do que analysar conscienciosamente a primorosa obra do sr. Egidio Azevedo, tomaríamos a liberdade de dizer a s. ex.^a que vinha dar indevida importancia ao que, por nenhum principio, a merece.

O infatuado zoilo da «Aurora do Cavado» é, a nosso vêr, useiro e veseiro em desvirtuar n'uma linguagem chata e n'um tom bem pouco decente, os actos do virtuoso Prelado, como ainda ha tempos succedeu por occasião da ultima visita Pastoral do sr. D. João Chrysostomo.

Os *Escriptos Religiosos*, livro em cujas bellas paginas brilham, por igual, as manifestações do verdadeiro talento a par dos mais nobres sentimentos, serviu ao mencionado detractor de ensejo para mais uma vez patentear os ruins sentimentos que o caracterisam.

Mais por isso que por defender-se, destruindo as malevolas apreciações sobre alguns pontos da sua obra, crêmos que s. ex.^a desceu á arena da imprensa.

Talvez porém que a resposta mais cabal e peremptoria a insolencias e a uma apreciação d'esse genero, filha do cynismo e da audacia, não devesse passar d'um soberano desdem, para se não cair em dar importancia áquillo que nem a tem, nem a merece, nem a recebe jámais do publico honesto e sensato.

Comtudo, de bom grado annuimos á publicação do escripto de s. ex.^a, porque as nossas columnas estarão sempre francas a tão distincto escriptor catholico, cujas produções litterarias sempre temos lido com prazer e até com admiração.

COMMUNICADO

Sr. redactor.

Não foi sem algum pesar que li no numero 644 da «Aurora do Cavado» uma critica mordaz feita ao meu pobre livro *Escriptos Religiosos*.

Não foi a caridade christã, nem o bem da sciencia, nem mesmo uma sã philosophia, que levaram o auctor a fazer aquella critica apaixonada.

Chama elle a uma *carta de pesames* uma futilidade, uma puerilidade, que não deve ser considerada como digna de fazer parte do meu livro.

Não será um sentimento religioso, de piedade, a magua, que a nossa alma sente, quando nos é arrebatada d'entre os carinhos e as meiguices do nosso affecto uma preciosa existencia?

Não revelará aquelle pobrissimo escripto nobreza de sentimentos, que—mercê de Deus—foram gravados no coração do auctor dos *Escriptos Religiosos* pela sua querida e extremosa Mãe, a quem devo a minha educação christã?

Para o auctor da critica um bom sentimento será uma puerilidade? seja-o muito embora para elle, que por mim dou-me bem com essas *puerilidades*, com os sentimentos que tenho e revelo designadamente na *carta de pesames*, que se lê a paginas 214 dos *Escriptos Religiosos*.

Talvez que um dia, mais tarde, o sopro da impiedade venha crestar as mimosas flores de minh'alma e entibiar estes generosos sentimentos, por que os desenganos do mundo e dos homens a tudo nos arrastam!... Mas Deus permita que tal não succeda, poisque me collocará nas tristes condições dos que mofam dos modestos sentimentos e da nobreza de caracter de uma juventude que ainda não descreu do mundo, nem se sentiu presa de ruins paixões!

Chama-se na critica á narração de uma

visita pastoral «uma estirada e talvez obrigada bajulação a um Prelado», e censura, que entre, occupe lugar n'um livro religioso aquella narração!

Uma visita pastoral, toda a gente o sabe, é um assumpto religioso; é o exercicio do munus episcopal; e a narração da visita d'um Prelado aos seus diocesanos não pôde ser considerada como uma vistoria judicial, uma dissertação philosophica, ou um tratado de jurisprudencia.

Quadra-lhe perfeitamente, pois, o caracter religioso para entrar nos *Escriptos Religiosos*, não só pelas considerações, que se fazem n'essa pobre memoria sobre a religião catholica, mas tambem porque o assumpto é exclusivamente christão, religioso.

E ha uma critica, que censura que entre escriptos religiosos occupe modesto lugar a narração da visita pastoral do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz!

Mas não é só isto; tambem o auctor da critica lhe chama «uma estirada e talvez obrigada bajulação.»

Protesto com toda a soberania e isenção contra a insinuação perfida do auctor critico.

Será uma bajulação a um Prelado a narração da sua visita pastoral? a um Prelado que... Suspende-te, minha penna; não queiras escrever com fel as palavras odiosas, que o auctor da critica sem caridade lança sobre um dos caracteres mais probos, mais illustrados e mais virtuosos do nosso Episcopado! suspende-te...

A caridade é amor, e não odio que cega; a caridade recomenda-nos resignação, o odio incita-nos a malquerenças e a calumnias!

Seja pelo amor de Deus, que eu diga duas palavras sobre este assumpto sem animo offensivo.

As Pastoraes, que o senhor Bispo Conde tem publicado e dirigido ao seu clero, dando-lhe conta das suas visitas pastorales serão uma immodesta bajulação feita a si mesmo pelo nobre Principe da Igreja Conimbricense?

Nunca ninguém em tal pensou!

A causa da critica do meu livro não estará por ventura na malevolencia e no odio do auctor d'ella para com o venerando Primaz das Hespanhas? Não será o pobre livro um simples pretexto para aggreverem S. Ex.^a Rev.^{ma}?

Não nos espanta, pois, que, quando o famoso cedro é fulminado pelo raio da tempestade, a pobre planta, que vive junto ao tronco e abrigada pelo mesmo cedro, seja destruida, queimada simultaneamente pelo raio lascador.

Se assim é, se ha malevolencia, odios e rancores, que levam o auctor da critica a espumar maledicencias e babar calumnias, recomendo muito ao mesmo critico que leia o escripto que vem a pag. 77 do meu livro.

Não sei escrever portuguez; mal traduzir em rude linguagem, em termos bem desmaiados as profundas convicções, os intimos sentimentos da minha alma, mas quebro a minha penna, rasgo os meus *Escriptos* de folha a folha, se o auctor critico encontrar n'elles uma linguagem tão falta de caridade, tão abstrusa e tão inintelligivel como a sua.

Para mostrar a sua falta de caridade, não apontarei pensamento nenhum seu, porque certamente eu peccaria contra ella, contra a caridade evangelica; mas citarei apenas uma passagem da celebre critica da «Aurora», e verá, sr. redactor, que não ha regras de grammatica alguma que possa auctorizar uma tal linguagem, nem hermeneutica com cujo auxilio se possa interpretar o sentido que teve o auctor.

«Salvou-os d'aquella impensadamente a «demasiada benevolencia e amor de pae, sem medir e alcançar, que mais espectacular esta e mais sentida, pois.» (sic)

Quem comprehenderá isto? Esta é a linguagem classica tão recommendada?

Pois accusa-se o auctor dos *Escriptos Religiosos* de exuberancias gongoricas, que o «Commercio do Minho» na sua critica não encontrou n'elles, e vem a publico um accusador officioso com um periodo esdruxulo, sem grammatica, nem sentido possivel?

Tenho em grande conceito o auctor da critica, que me faz honra certamente, respeito-o muito e acato os seus conselhos, mas dispa-os, *monde-os das exuberancias rancorosas, cheias de preconceitos infundados, por que tão apoucado se confessa...*

E' com toda a consideração que me assigno

Braga, 27 de maio de 1880.

De V. muito grato

Egidio Azevedo.

Damos em seguida o prospecto d'um novo jornal que brevemente vae sair em Lisboa.

Da sua leitura resolta a grande importancia de tal publicação.

Eil-o:

«A Cruz do operario.

Eis o titulo da nossa publicação semanal.

Ante os progressos gigantescos da malicia humana, ameaçando cada vez mais a sociedade em suas bases imutaveis, a parte da classe operaria, milagrosamente salva do contagio da descrença, tem hoje no meio de seus irmãos desvaierados uma grande missão a cumprir: é a do amor, a da caridade evangelica, unica esteira luminosa por onde será facil escapar a eminentes desgraças, originadas de paixões e theorias perversas.

E na verdade, desde que a religião catholica começou a ser expulsa das sociedades christãs, agitados pelo egoismo e por todas as fraquezas humanas os seus elementos sociaes começaram a desagregar-se, o poder da *cohesão* a diminuir e a dissolução social a apparecer.

Hoje é o mesmo egoismo, são as mesmas fraquezas, que, assopradadas pelo vento de falsas theorias, congregam esses elementos perdidos, verdadeiros fermentos putridos, para contaminar e arruinar de todo quanto ali resta de bom.

E' a religião do odio contra a religião do amor, a conjuração do inferno contra a obra do céu.

Nada lhes falta, nem paixões nem miseria que os excitam, nem ignorantes, nem sabios, que lhes assegurem resultado feliz.

E como se tudo isto não bastára, os inventos modernos de machinas sem numero, dispensando muitos braços, produzindo muito, mais barato e perfeito, encaminhando tudo para a concentração das riquezas da terra nas mãos de poucos, quasi sempre descaroados, veem criar por momentos graves difficuldades economicas que, emquanto se não removerem, impellem o desgraçado operario á conspiração rancorosa contra as classes favorecidas.

Dir-se-hia que todas as potencias da natureza se conjuraram contra nós, pondo-se ao serviço do genio da destruição.

Tal é o estado das nossas socieda-

des modernas, tal o estado grave a combater.

Os remedios são evidentes: á irreli-gião oppôr a religião; á miseria e abandono dos desgraçados oppôr o bem-estar e o amparo da caridade. A difficuldade reduz-se apenas á applicação efficaz de remedios tão capitaes.

Quem? e como applical-os? Os bons pe-la associação, unida ao Coração d'Aquella, que venceu o mundo e contra o amor do Qual não ha odio capaz de vencer.

Em nome de Deus, pois, vamos as-sociar nos, vamos organiar-nos em ordem de batalha, hasteando em nossa bandeira o Coração Amante de Jesus. Contra os insultos opporemos a paciencia, contra os odios o amor, contra o erro a verdade, contra a injustiça a justiça, contra o egois-mo a caridade, contra as raivas a man-sidão, e contra a fome o abençoado pão. Oh! o amor sempre, o amor a todo o instante, o amor santo por todas as fór-mas; na oração como em acção, qualquer que seja o nosso estado.

Então esses queridos irmãos transvia-dos, contemplando-nos taes como somos e não como nos imaginam ser, cairão em si, deixarão as suas prevenções odio-sas e, mediante a divina graça, correrão a abraçar-nos n'um abraço reconciliador, impellido por seus corações generosos.

Entretanto vai ser este o nosso or-gão, o porta-voz do nosso grito de guer-ra, que é um brado de amor. Esperamos que este brado vá encontrar echo no co-ração de todos os catholicos portuguezes; elles não nos deixarão ao abandono n'u-ma lucta de tanto interesse e de tanta actualidade. Imploramos pois a protecção de todos.

Bem conhecemos as difficuldades; á vista da primeira desfalleceríamos pelo co-nhecimento que temos da nossa propria fraqueza; mas confiamos em Deus e no Patrocinio do Glorioso S. José e de Ma-ria Immaculada, aos quaes dedicamos esta obra.

Temos de combater no campo da re-ligião, da sciencia, e da economia poli-tica, da moral e da propria politica; n'u-ma palavra, temos de combater no cam-po da vida pratica e da vida theorica. E' muito; mas se Deus por nós, quem contra nós?

E se nossos projectos vingarem, co-mo esperamos, não ficaremos em pala-vras sómente; estas pôdem ser boa se-mente sem duvida, mas jámais darão fru-cto de benção, se a terra não for de qualidade e bem arroteada. Por isso, onde quer que acharmos elementos convenien-tes, passaremos á acção, e prestes ahi acudiremos a organisar circulos catholi-

cos, onde as almas crentes se encontrem e conheçam, onde as forças individuaes se associem e protejam, onde em fim pe-netre o auxilio valioso das classes mais abastadas.

E com a quadrupla alliança da im-prensa e da associação, dos capitaes dos pobres e dos capitaes dos ricos, é possi-vel consolidar-se o nobre edificio catho-lico abalado pelos choques repetidos de mal entendido progresso; é possível res-tabelecer a verdade, fazer triumphar a justiça, a ordem e a moralidade por to-da a parte desacatada. E assim é que d'aqui poderá resultar a salvação da so-ciedade.

E' preciso porém acabar com a indif-ferença, empenhando-nos na obra, e con-siderar que um descuido, ás vezes pe-queno em si, mas grave nas consequen-cias, pôte ser um crime terrivel na pre-sença de Deus.

Catholicos piedosos, acudi-nos, acudi e ajudade estes filhos do povo, que invocam os vossos sentimentos.

Cooperae connosco, cada um segun-do as suas forças; acordemos do lethar-go, trabalheemos pela causa santa; e o ardor da fé renascerá, o numero das boas almas subirá, e os males da terra tornar-se-hão mais suaves. Menos facilmente ve-remos o infeliz proletario sósinho em fren-te de si mesmo e de seus filhos devo-rados pela fome, na hora em que o sof-frimento e dôr o vierem visitar. Terá um abrigo protector, um amparo benefico n'es-ta familia christã em sociedade; e bem dirá ao Senhor das Misericordias tantos balsamos consoladores, que veio derramar sobre os descendentes de Eva n'este valle de amarguras.

Mas lembrae-vos que somos pobres, que se abundam em nossos corações de-sejos ardentes de pelejar nas batalhas do Senhor, escaceiam todavia os meios para arrostarmos com as difficuldades mate-riaes.

Não se fundam escolas, não se criam industrias, tão pouco se mantem um jo-rnal sem grandes dispendios e sacrificios. Se amaes o pensamento da obra, se amaes a Deus, não vos esqueçaes que Jesus vai pôr á frente d'este movimento santo hu-mildes operarios, obscuras criaturas, a quem tudo falta e tudo é necessario.

Em nome de Deus e dos proletarios pedimos pois a graça de nos enviardes o prospecto com a maior brevidade e com o maior numero de assignaturas que vos dignardes angariar, indicando nomes, mo-radas e direcção do correio.

Logo que tenhamos numero sufficien-te de assignantes sairá o nosso jornal, e depois da recepção do primeiro nume-

ro, esperamos então da vossa bondade e dedicação catholica a fineza de prompto pagamento.

Qualquer descuido n'esta parte seria para nós de grandissimas consequencias, sendo porém o nosso appello correspon-dido cremos que edificaes, com um obo-lo realmente pequeno, uma obra realmen-te grande.

O preço da assignatura para as pro-vincia é de 1\$000 reis por anno—semestre 600 rs.

Toda a correspondencia deve ser di-rigida a J. A. A. Donoso de Mendonça, rua dos Ferreiros de Santa Catharina n.º 18, 1.ª, Lisboa.

GAZETILHA



FALLECIMENTO

Communica-nos o telegrapho a tristis-sima noticia de ter fallecido em Lisboa o ex.^{mo} D. Sancho Manuel de Vilhena, distincto redactor da «Nação», e um dos vultos mais respeitaveis do partido legiti-mista.

Foi filho do ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. José Sebastião de Saldanha e Oliveira, do con-selho de S. M. e do Ultramarino, corone-l d'um dos corpos de milicias da capi-tal, commendador da ordem de Christo, Senhor de Pancas e da Casa de Arroios pelo seu casamento com sua prima co-irmã, a ill.^{ma} e exc.^{ma} snr.^a D. Maria Leonor Carolina da Conceição Manuel de Vilhena Costa Freire Martins da Fonseca.

Era o nobre finado um d'esses carac-teres, que já hoje vão rareando, genuina e verdadeiramente portuguezes.

A Legitimidade perde em D. Sancho de Vilhena um dos seus mais austeros e bisarros soldados, e Portugal um dos seus mais esclarecidos filhos.

Associando-nos ao luto dos nossos pre-sados collegas da «Nação» e ao de todo o partido em cujas fileiras militamos, com os nossos leitores enviámos ao Todo Po-deroso uma prece pelo eterno descanso de tão illustre e benemerito cavalheiro.

Requiem æternam dona ei, Domine.

Chronica Religiosa.—Hoje: — Na Sé, procissão da Oitava de *Corpus Christi*. Exposição do Santissimo na igreja do Carmo.

A'manhã:—Festa do SS. Coração de Jesus, no Collegio.

Exposição do Santissimo na igreja das Therezas.

—No domingo festeja-se na Sé a de-votissima Imagem de N. Senhor da Ago-nia.

Festividade do SS. Rosto do Senhor.—No proximo domingo tem lo-gar a festividade do SS. Rosto do Senhor, venerado á entrada da rua do Forno, a qual será feita na R. capella da Miseri-cordia.

De manhã haverá missa solemne por musica vocal e instrumental da capella dos snrs. Paivas, Exposição do SS. todo o dia, e de tarde sermão prégado pelo revd.^{mo} dr. desembargador Oliveira Gui-marães e *Te-Deum*.

Seguir-se-ha a procissão, que percorre a rua Nova, largo de S. Miguel-o-Anjo, rua da Sé, Rocio de Traz da Sé, e re-colhe á Misericordia, depois de ser collo-cado o SS. Rosto no seu oratorio.

Esta procissão, que será abrilhantada com numerosos anginhos, será aberta por uma banda marcial e fechada por uma guarda de honra precedida da banda do regimento. A procissão sae por 6 horas da tarde.

Tricentenario de Camões.—Em conformidade do convite que da «Semana Religiosa» transcrevemos em o n.º penulti-mo, instalou-se n'esta cidade uma Commis-são para este fim, de que é presidente o revd.^{mo} snr. Dr. Vigario Geral, Manoel da Conceição da Costa e Silva.

No dia 10 pelas 10 ³/₄ da manhã, ha-verá na Igreja do Collegio uma missa re-sada pelas almas de tantos heroes que im-mortalisaram o nome Portuguez na India, e de Camões que tão bem cantou estes louvores e estas faanhas; e no fim can-tar-se-ha um solemne *Te-Deum* em acção de graças por tantas glorias concedidas outr'ora ao nome Portuguez.

Monte-pio de S. José.—No domi-go reunem, em assembleia extraordinaria, os socios do Monte-pio na casa da Asso-ciação, no largo de Santo Agostinho, afim de resolverem o que convier relativamente ao fornecimento de medicamentos.

Movimento do Hospital de S. Marcos.—Doentes existentes em 23 de maio de 1880: 84 homens e 85 mulheres. Entraram durante a semana finda: 27 homens e 25 mulheres.

Sahiram: 24 homens e 25 mulheres. Falleceram: 3 homens.

Ficaram em tratamento em 29 de maio: 84 homens e 90 mulheres.

Os estudantes e o Centenario.—Sempre nos quiz parecer que os aca-demicos d'esta cidade por preço algum

FOLHETIM

AS VENTURAS DA RIQUEZA

(Conclusão)

—Se não é coisa que eu possa sa-ber, murmurou elle, não pergunto mais; mas o que dirão os visinhos? A estas horas está por ahi tudo a pé.

—Foi um sonho de teu pae, disse a tia Smet; a herança transtornou-lhe a ca-beça. Vae-te deitar, Paulo.

—Que oigo? disse o limpa-chaminés de novo aterrado. Ouvia-se na rua o estrondo de pesados vehiculos, que se aproximavam rapidamente.

—E' a artilharia que vae para o campo de manobras, disse Paulo. Admira-me que passe pela nossa rua.

—O que será isto bradou a tia Smet. Param á nossa porta.

Paulo abriu a janella, olhou para a rua, e, voltando para dentro, disse com uma gargalhada:

—Cada vez melhor! São as bombas. Bateram violentamente á porta da rua, cada pancada era um baque no coração do limpa-chaminés, que nem podia abrir a bocca.

Paulo voltou á janella, e fallando para baixo:

—Quem está ahi? disse elle. Vão an-dando o seu caminho e deixem dormir a gente.

—Onde é aqui o fogo! bradou uma voz.

—O fogo? redarguiu Paulo. E' no forno da padeira, a oito portas d'aqui, á sua di-reita, ao pé do logar da fructa.

—Eu o ensinarei a mangar com a gente, só pelintra, disse o sargento dos bombeiros em tom ameaçador. Abra ou arrombo a porta.

—Não se zangue, sargento, acudiu um bombeiro. Aquelle é Paulo o jovial, não sabe fallar senão assim. Deixe-me cá. Che-gou debaixo da janella e disse:

—Paulo, houve fogo em casa?

—Ha todos os dias uma hora antes de jantar.

—Deixa-te de chalaças, Paulo; eu ain-da agora atravessei a rua com este meu camarada; teu pae gritava: Fogo! fogo! como se estivesse a rua toda a arder.

—Sim, era meu pae a sonhar alto.

A colera do sargento fez explosão.

—Espera, espera, exclamou elle, eu já te ensino a mangares com a policia! Cabo d'esquadra, vá chamar o commissario, arrombamos a porta em nome da lei: todos estes trocistas irão dormir á cadeia.

A palavra commissario fez uma tal im-pressão no tio Smet, que logo correu á janella bradando:

—Oh! meus queridos bombeiros, um in-stantinho, eu vou abrir.

E, seguido por seu filho, saiu do quar-to. Ao descer a escada, disse com voz tremula.

—Paulo, a casa está embruxada! Os bombeiros entram cá, Deus do céu! Estou mais morto que vivo.

—Mas, meu pae, os bombeiros não nos comem.

—Tu sabes lá o que eu soffro, meu filho, disse o limpa-chaminés com voz desanimada. Paulo elles hão de querer dar busca, para ver onde foi o fogo. Se isso se não poder evitar, leva-os tu que eu nem me posso susten nas pernas.

O mancebo abriu a porta, em quanto seu pae se sentava em cima do bahu onde estava o thesouro.

Cinco ou seis bombeiros entraram.

O sargento conheceu o joven cassoista e agarrou-o pelos hombros, dizendo:

—Insolente, queres ir para a estação?

Paulo deu um salto para traz, e res-pondeu rindo francamente:

—O' senhor bombeiro, repare que eu sou um homem livre, e, se me toca ou-tra vez, olhe que o atiro ao meio da rua.

Vendo que não fazia farinha com o moço e resolutio limpa chaminés, o sar-gento voltou-se para o tio Smet, e per-guntou-lhe severamente:

—Diga-me onde houve o incendio?

—Meu digno senhor, isso é engano; aqui não houve incendio.

—Ah! não quer dizer para se livrar da cadeia?

—Não senhor, até lhe agradeço pelo trabalho que teve. Mas aqui não houve nem farsca.

—Mas o senhor gritou que tinha fogo em casa?

—E' que uma pessoa tem ás vezes sonhos exquisitos... Eu tenho estado hoje muito nervoso.

—Levante-se, disse o sargento n'um tom imperioso e mostre-nos a chaminé.

—Não me posso ter nas pernas, respon-deu Smet com voz plangente... Paulo vai com este senhor.

O sargento fez signal ao cabo que se-guisse o mancebo, depois disse para Smet:

—O' homem, você está ahi pespegado em cima do bahu que parece que tem medo que o roubem.

O suor da angustia alijou a testa de Smet.

—Ha-de-lhe sair cara a brincadeira, continuou o sargento; hade de pagar uma multa.

—Duas ou tres, balbuciou o pobre homem inquieto; mas por amor de Deus, saiam de minha casa.

A tia Smet, que se fôra vestindo, ap-pareceu n'esse momento de semblante ale-gre, e, logo que viu o que se passava,

disse para o commandante dos bombei-ros:

—Sargento, olhe que tudo isto foi feito sem má tenção. Eu lhe explico. Recebe-mos noticias da minha tia da Hollanda.

O limpa-chaminés estendeu as mãos para sua mulher para lhe pedir que se calasse, mas ella não fez caso, e conti-nuou:

—Havemos de herdar não sei quantos mil florins. Esta noticia poz meu mari-do n'um estado febril. Sonhou que estava a casa a arder...

Mas eu quero retribuir aos senhores o incommodo que tiveram... Bebam um quartilho á nossa saúde, e estejam certos que lhe ficamos muito obrigados.

A estas palavras metteu nas mãos de um dos bombeiros uma moeda de cinco francos.

N'esse momento voltava Paulo com o cabo de esquadra. Este poz-se diante do sargento, levando a mão ao boné, e, disse em tom solemne:

—Sargento, não houve fogo.

Depois de algumas reprehensões pouco severas, os bombeiros foram-se embora.

A tia Smet fechou a porta, correu o ferrolho, e seu marido exclamou, erguendo as mãos ao céu:

—O meu Deus, se os pobres soubes-sem o que passa quem é opulento, não de-sejam a riqueza.

A tia Smet empurrou-o para a esca-da, dizendo-lhe meio zangada meio zom-beteira.

—Tens feito bonitas coisas. A'manhã fallaremos. Agora vae-te deitar e vê se não sonhas mais. Pateta!

Sem dizer palavra e verdadeiramente extenuado pelas angustias que soffrera, o limpa-chaminés subiu muito a custo os degraus da escada.

Henrique Conscience.

consentiriam em ficar inferiores aos seus colegas dos outros lyceus, em provas de brio e de patriotismo.

Não nos enganamos; e a prova é que se acha organizada uma comissão de distintos estudantes para levarem a effecto esplendidos festejos em comemoração do proximo tricenário de Camões.

Logo que o obtenhámos, publicaremos gostosamente o programma dos mesmos.

Fallecimento.—Na sua casa de Tadm, falleceu na segunda-feira a sr.^a D. Bibiana Rosa de Jesus, mãe do sr. Luiz Antonio da Costa Braga, e senhora muito virtuosa.

Contava 93 annos.

A finada deixa 5 filhos, 32 netos e 27 bisnetos!

Empresa «Voices Romanticas».—Esta acreditada Empresa editora, com escriptorio na rua da Atalaya, n.^o 18—Lisboa, traz em preparação e devem começar brevemente a distribuir os seguintes romances inéditos de Ponson du Terrail: *O juramento dos Homens Vermelhos*, *Os subterrâneos de Bouquoy*, *e O Cavalheiro Negro*.

Os dois primeiros romances serão publicados ás cadernetas semanaes de 5 folhas ou 4 e uma estampa, sendo duas de um e trez do outro, e quando o primeiro concluir, segue da mesma forma o terceiro, isto para não fazer maior preço do que o estipulado de 50 réis semanaes pagos no acto da entrega.

Cada volume por assignatura custará 450 réis. Toda a pessoa de Lisboa que obtiver 10 ou mais assignaturas realisaveis, terá direito a um exemplar gratis e respectivo brinde. Para as provincias e ilhas, a expedição é feita por fasciculos de 10 folhas, custando cada um 100 réis, e sendo o porte á custa da Empresa. As pessoas que desejarem assignar deverão mandar a importancia de um ou mais fasciculos, para estes lhes serem expedidos, na certeza de que a Empresa não enviará fasciculo algum sem ter recebido o seu importe.

Commutação de pena.—Uma comissão de terceiranistas da faculdade de direito foi ha dias a Lisboa pedir ao chefe do Estado commutação da pena para Albino de Sá Carneiro, por uma lamentavel fatalidade recluso nas cadeias d'esta cidade, nas quaes tem prestado grandes serviços na regeneração e educação dos presos, com a aula que alli instituiu e rege.

Collegio da Regeneração.—O «Diario do Governo» já publicou a carta de lei concedendo ao collegio da regeneração da cidade de Braga o edificio do convento de Nossa Senhora da Conceição da mesma cidade, com a igreja e suas alfaias, cerca e mais dependencias.

Esta concessão não se tornará desde já effectiva, sendo pelo que respecta á parte do edificio a que se refere á portaria do ministerio da justiça de 14 de maio de 1879.

Do resto do edificio, e bem assim da igreja, alfaias, cerca e mais dependencias, o sobredito collegio só poderá tomar posse para todos os effectos, desde que no convento não existir a religiosa que actualmente alli reside.

O convento, igreja, cerca e alfaias voltarão ppra a posse do estado, quanto o collegio da regeneração deixe de satisfazer aos fins da sua instituição, ou de empregar n'elles todo quanto por esta lei lhe é concedido.

Doas publicações commemorativas do Centenario.—Do arrojado e estimavel editor lisboense o sr. David Corazzi, acabamos de receber um exemplar de duas das publicações com que aquelle illustrado cavalheiro commemora o centenario do nosso epico immortal.

Intitula-se a primeira: *Camões—Homenagem por occasião das festas nacionaes do tricenário*, por Alexandre da Conceição.

É um opusculo como os sabe engendrar aquelle desazado critico a que se tem referido o nosso illustradissimo collaborador, o exc.^{mo} padre Neves Castro da Cruz, em alguns dos seus excellentes artigos, n'este jornal.

O tal pamphleto dá em somma total: Um amontoado de porulentas heresias, ascorosas impiedades e gordas sandices.

E isto a proposito de Camões!!!

Que litteratos e que litteratura!

—Intitula-se o segundo: *Luiz de Camões marinheiro—Estudo por Almeida d'Eça*.

Eis o reverso da medalha. Ainda bem: aqui, n'estas 65 paginas, correm os ares lavados que dão saude.

É ver como logo na segunda pagina

do texto o auctor, alludindo á crassa ignorancia que os modernos litteratiços teem de obras eminentemente nacionaes, avalia isso a que por hi chamam *realismo*:

«E o mal é tanto maior quando uma audaciosa escola contemporanea tenta arrogar-se o exclusivo de falar verdade, de photographar a natureza, como dizem os seus corripheus, dando a entender que o que antes d'elles se escreveu era tudo falso, que ninguém tinha habilidade para copiar a natureza, e que só elles sabem chamar as coisas pelo seu nome!»

O livro do sr. Almeida d'Eça, erudito e elegantemente escripto demonstra cabalmente o asserto de que o grande Camões foi «um marinheiro tocado da divina scentelha da inspiração, que lhe fez ver os grandiosos espectaculos da natureza taes como elles se manifestam».

Não resistimos ao desejo de transcrever as palavras com que o illustrado auctor termina o seu livro, que são uma chave de oiro de lei.

Eil-as:

«Acontece com a historia das litteraturas como com a das nacionalidades. Quando o espirito de uma nação está decaído, quando fatam os nobres impulsos que a impelliram no seu progresso ascendente, quando está morto o patriotismo que, centuplica as forças do individuo, quando o egoismo torpe substituiu a abnegação e o amor da patria, é então que se recordam os tempos de gloria e se levantam monumentos aos heroes que já não é possível imitar; são os vãos lamentos dos filhos de Israel captivos em Babilonia, suspirando pela liberdade de Sião, que tão mal souberam defender.

E assim com as litteraturas. Quando passaram, para nunca mais voltar, os seus tempos de esplendorosa florescencia, vem os commentadores estudar as obras primas, mas não apparece um só que as imite. Onde estão hoje as pennas que escreveram os *Lusiadas* e as *Decadas*? E, deixando esses monumentos, que são como que as estrellas de primeira grandeza de um firmamento de eterno brilho, onde estão os successores de Diniz, de Bocage, de Garção, de Alexandre Herculano, de Rebello da Silva, de José Estevão, de Garrett, de Castilho? Transformaram-se os lagos cristalinos em charcos nuseabundos, as campinas viridentes em aridos pragaes; calaram-se os trinados dos rouxinóis, só se ouve o coaxar das rãs; e a consciencia publica, festejando o tri-centenario da morte de Luiz de Camões, manifesta em doloroso grito o arrependimento que sente por se ter deixado resvalar no plano inclinado do mau gosto, e marca na historia da litteratura portugueza o periodo da ultima decadencia.

Adhesão.—O revd.^o sr. padre Manoel José da Costa, commendado de Covello de Gerez, escreve-nos declarando que adhere plenamente ao protesto do corpo docente do Seminario contra as aleivosas accusações feitas ao Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz.

Jornal de Viagens.—O n.^o 53, que fecha o 2.^o volume d'este sempre notavel semanario, traz o seguinte:

Texto: Os dramas do mar: Os piratas arabes—Estudos geographicos: O Globo, oitenta narrações de geographia popular—Digressões e phantasias: A India—Aventuras de terra e mar: O Vulcão nos Gelos—Estudos geographicos: População da Africa—Pelas regiões longinquoas: A fome na China.

Chronica: Os marmores japonezes—A altitude dos principaes lagos da Africa—Os mares do Japão.

Illustrações: Os dramas do mar: Os piratas arabes—A India: Maneira de viajar nas planicies de Penjabe: Durhar de Ramah, no Himalaya—Pelles Vermelhas em um acampamento nas planicies.

Atravez da provincia.—Escrevem de Ponte do Lima:

No 23 do passado houve na casa da camara uma grande reunião, promovida pela comissão que teve o pensamento de commemorar o tricenário de Luiz de Camões, com a iniciação de um asylo de invalidos, denominado de Camões.

Foi applaudida a ideia, sendo nomeada uma comissão para a pôr em execução.

A camara municipal e o sr. administrador do concelho e aquella comissão entraram em combinação sobre o seguinte programma dos festejos:

De madrugada, uma salva de 21 tiros de dynamite e musica.

A's 9 horas da manhã, estando todas as ruas por onde passará o prestito, embandeiradas, sahirá da casa da camara uma procissão civil, formada de todos os funcionarios publicos, corporações e comunidades particulares, em direcção á igreja Matriz, onde será celebrada uma missa por alma de Luiz de Camões, D. Vasco da Gama e Jao.

Continuárá depois o prestito para a casa da escola do conde Ferreira, onde se fará a distribuição de premios a 5 alumnos classificados no dia 5 por exame publico como os mais aproveitados.

Em seguida continuárá o prestito até o novo largo, á bocca da ponte, o qual será baptisado com o nome de Camões, lavrando-se a acta em livro especial, a qual será assignada por todos;—e recolherá á casa da camara, onde o senado farão sessão extraordinaria.

Durante o dia percorrerão as suas e praças bandas de musica.

A' noite, theatro de gala em beneficio do projectado asylo Camões, para o qual se abrirá subscrição n'esse dia.

—Por mão da sr.^a D. Maria Rosa Alves da Cunha, recebeu no dia 16 do corrente o asylo d'infancia desvalida de Ponte do Lima—D. Maria Pia—a quantia 50\$000 reis, offerecida pelo sr. Domingos Gomes Ferreira, natural da comarca de Barcellos, negociante residente na cidade de Petropolis, imperio do Brazil.

—No dia 22 do passado fizeram exame para agrimensores, os snrs. João Baptista Duarte e João Manoel Malheiro, de Ponte do Lima.

Ponte internacional sobre o Minho.—Do projecto apresentado ás côrtes hespanholas pelo sr. ministro do Fomento, relativo á construcção da ponte sobre o Minho, extrahimos o seguinte, diz o «Valenciano»:

Artigo 1.^o Declara-se de serviço geral a parte comprehendida em territorio hespanhol do caminho de ferro que ha-de ligar a linha de Orense a Vigo com a de Valença ao Porto, em Portugal. Esta linha ferrea entroneará na estação de Guilharey com a primeira d'estas linhas e cruzando o rio Minho nas immedições de Tuy se unirá em Valença á rede de caminhos de ferro portuguezes; tudo em conformidade com os projectos approvados para o lançamento da ponte e caminho de ferro de ligação, e em conformidade com o que se acha determinado nas actas da Commissão Internacional de engenheiros hespanhoes e portuguezes que trataram o assumpto.

Art. 2.^o Auctorisa-se o ministro do Fomento a estipular com o governo portuguez, de commum accordo, a construcção da ponte internacional sobre o Minho. A forma de se levar a cabo as obras da ponte será determinada no referido convenio.

Art. 8.^o Se aos interesses das duas nações convier e seus governos assim concordarem, poderá estabelecer-se o imposto de portagem sobre peões, cavalleiros e vehiculos que se utilisarem da parte inferior do taboleiro da ponte internacional sobre o Minho.

Achado importante.—O nosso collegio do «Diario Illustrado», o sr. Francisco Serra, esteve em tempis encarregado de escolher os livros das arcas orphanologicas, que deviam ir para a caixa geral dos depositos. Lembra-se elle de ter visto entre os diversos documentos um autographo de Camões. Agora que se trata de commemorar o centenario do immortal poeta, o sr. Francisco Serra deu-se ao difficil trabalho de procurar o documento e achou-o. É um livro de capa de pergamimho, que contém varios termos da provedoria dos orphãos de Torres Vedras, e alli se encontram tres assignaturas «Luiz de Camões». É um achado importante e que devidamente deve ser apreciado.

Papeis velhos.—Ha em França uma instituição catholica, entre tantas e tantas, designada *L'œuvre des vieux papiers* fundada pelo revd.^{mo} Abbé Nartel; consiste na collecção dos papeis velhos e desnecessarios, que são vendidos e o producto entra no *Dinheiro de S. Pedro*; por tal modo o referido sacerdote tem podido pôr aos pés de Sua Santidade, até hoje e em diferentes occasiões, a somma de 56,000 francos.

Eis o que é «zeloz», eis como a caridade é engenhosa.

AGRADECIMENTOS

O abaixo assignado, summamente pe-nhorado para com todas as pessoas que o procuraram por occasião do fallecimento de seu innocente e presadissimo filho, bem assim aos que se dignaram assistir ao enterro, que teve logar no dia 20 do corrente; não lhe sendo possível, pelo seu estado de saude lh'o não permittir, agradecer pessoalmente, o faz por este meio, manifestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Braga 25 de maio de 1880.

(275) Antonio Augusto Pereira.

ANNUNCIOS

José Jorge Soares Russel, Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, Administrador do Conselho de Braga, por S. Magestade Fidelissima etc.

Faço saber que na Administração do Conselho de Braga, foi requerida licença por José Baptista da Silva Taxa, morador na rua de D. Pedro V. freguezia de S. Victor d'esta cidade, para montar uma maquina a vapor de baixa pressão para fabricação de chapéus de pelto, na rua de D. Pedro V, n.^o 33 e 31 da mesma freguezia, que se achá comprehendida na 2.^a classe da tabella annexa á lei de 21 de outubro de 1873, e qua tem os inconvenientes de fumo e explosões na caldeira, pelo que, em conformidade do art. 6.^o da citada lei, são convocadas todas as auctoridades e classes, ou gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentar n'esta Administração, dentro de 30 dias, a exposição de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da mesma licença.

E para constar, nos termos do mesmo decreto foi lido um e affixado no atrio da Administração, e outro identico na porta da igreja matriz d'aquella freguezia.

Braga 23 de maio de 1880. E eu Antonio Maria Peixoto, o subscrevi.

(283) José Baptista da Silva Taxa.



Manoel Joaquim Dias Paredes, da Feira Nova d'Amare, participa aos seus freguezes que de commum accordo retira a sua carreira que traz diariamente entre Braga e Amare, pela Ponte do Bico, no dia 2 de junho do corrente, ficando só com a corrida diariamente do correio nas horas já annunciadas.

Escriptorios: em Braga em casa do sr. Manoel José d'Abreu, e em Amare em casa do sr. José Maria d'Abreu.

Feira Nova 1 de junho de 1880.

Manoel Joaquim Dias Paredes.

Visto—Azevedo Magalhães.

Joaquim José de Barros, da cidade de Braga, participa aos seus amigos e freguezes que desde o dia 2 de junho em diante retira a sua carreira, que traz diariamente entre Braga e Amare, pela linha da Ponte do Porto.

Braga 1 de junho de 1880.

Joaquim José de Barros.

Visto—Azevedo Magalhães. (284)

CAIXEIRO

No estabelecimento de sola da rua dos Chãos, 28, admitte-se um caixeiro, com pratica, ou mesmo sem ella, d'aquelle negocio.

RAPAZ

No mencionado estabelecimento de sola, admitte-se um de bom comportamento. (285)

PROGRAMMA

DOS

FESTEJOS BRACARENSES

NO

TRICENTENARIO DE CAMÕES

Promovidos pela Sociedade Democratica Recreativa, no seu salão e no Theatro de S. Geraldo

«Vereis amor da patria não movido
«De premio vil, mas alto e quasi eterno».

LUSIADAS, I—X.

Nos dias 8 e 9 de junho, exposição de *edições e versões de Camões*, no salão da Sociedade, desde as 9 horas da manhã até á 1 da tarde, e das 4 horas da mesma até ás 8.

A Sociedade illuminará o seu edificio nas duas noites.

Na noite de 10, *sarau litterario e musical* no Theatro de S. Geraldo, com intermeção de *poesias* em cada conferencia.

Apparição da *publicação esplendida*, com que a Sociedade solemnisa litterariamente o dia do *tricentenario*, depois da inauguração *apparatoso* do *retrato de Camões*.

A Sociedade illuminará n'esta noite o *theatro*, assim como o largo fropteiro, onde estacionará uma banda musical durante os festejos, e continuará a illuminar igualmente o seu edificio, como nas duas noites anteriores.

O *sarau litterario* começará ás 9 horas: e nas suas successivas conferencias, em que discursarão com os seus oradores anteriores alguns de novo, considerar-se-ha a importancia social do *tricentenario*; *Camões* na bibliographia patria e estrangeira; os *Lusiadas* em suas parodias, e nas suas palavras peregrinas; *Camões* como precursor da restauração de 1640, e como soldado e marinheiro, além d'amante estremosissimo. Com estes assumptos tratar-se-hão d'envolta outros analogos, condignos da solemnidade do dia.

Pela manhã, ao meio dia e á noite serão annunciadas estas horas á cidade com salvas de 21 bombas reaes.

Uma banda musical percorrerá tambem opportunamente as ruas principaes da cidade.

Tornarão mais solemnnes estes festejos da Sociedade, outros conjuntos com elles.

O bello jardim do campo de Sant'Anna estará illuminado á noite no dia do *tricentenario* por iniciativa da Camara Municipal; e no dia 8 haverá tambem á noite representação condigna no Theatro de S. Geraldo, por iniciativa dos snrs. Francisco Araujo e Lourenço Moreira: representar-se-hão as peças dramaticas *Camões e o Jau*, de *Casimiro d'Abreu*, e os *Ultimos Momentos de Camões* do nosso *Mendes Leal*.

A banda regimental, por obsequio do Exm.º Coronel do regimento 8, tocará nas tres noites dos festejos no seu coreto; concorrendo assim para maior abrilhantamento do *tricentenario*, a que nada faltará das galas proprias da occasião.

No templo do Collegio, a's 10 horas e meia da manhã do dia 10, haverá missa resada, a que terá de seguir-se um *Te-Deum*; suffragando-se assim as almas dos heroes, que immortalisaram o nome portuguez na India, e a alma do cantor, que nos *Lusiadas* apregoara ao mundo estas façanhas em epopeia até hoje inexcédida. (381)

MONTE-PIO DE S. JOSE'

Por ordem do snr. presidente da Meza, são convidados todos os socios que estejam no gozo dos seus direitos, a reunirem-se em assembleia geral extraordinaria, no dia 6 de junho proximo, pela 1 hora da tarde, na casa da Associação, no largo de Santo Agostinho, afim de se resolver o que convier, relativamente ao fornecimento de medicamentos, conforme foi requerido por diversos socios.

Braga 28 de maio de 1880.

O 1.º secretario

(280) Joaquim da Silva Gonçalves.

GRANDE PECHINCHA

Vende-se dois caleches montados e reformados de novo, em muito bom uso, juntos ou separados; quem pretender pôde dirigir-se a José Luiz Ferreira, rua das Aguas, onde se podem vêr a toda a hora. (267)

APPELLO A' COMPAIXÃO

Continúa aberta na casa do snr. José Antonio da Silva Lomar, rua do Souto, n.º 28 e 29, a subscrição em favor da desventurada Ermelinda Carvalho de Magalhães, de Eira Vedra, concelho de Vieira. (223)

Desconfiar das falsificações.




AGUA DE MELISSA
dos Carmelitas
BOYER
Unico successor dos Carmelitas

PARIS, 14, Rue de l'Abbaye, 14 PARIS

Contra a Apoplexia, o Cholera, Flatos, Desmayos, Indigestões, Febre amarella, etc. Veja-se o prospecto que deve envolver cada frasco.

Exija-se o rotulo branco e preto que devem levar pegado, os frascos de todos os tamanhos, e a assignatura inclusa.

Deposito no Porto, Ferreira & Irmão, Banharia, 77 e 79.

BALSAMO DA CRUZ ROXA

Preparação com base de alcatrão para uso externo

Grandissimo exito nas guerras da America, Italia, franco-alemã e do Oriente, no sitio de Paris, e ultimamente na Hollanda, Belgica e Indias—Numerosos certificados dos principaes medicos e atestações dos enfermos curados.

As chagas mais rebeldes as affecções herpeticas, escrofulosas e cancerosas, as feridas, queimaduras e ulceras de todas as classes, os panaricios, furunculos, etc. curam-se rapidamente com o BALSAMO DA CRUZ ROXA.

Cessação IMMEDIATA da dor—Tratamento INFALLIVEL.

Vende-se por junto, snrs. H. Vanassche & C.ª em Mèxem-les-Anvers (Belgica)—Em Madrid, Agencia franco-hispano-portugueza, Sordo, 31.

Venda a retalho no Porto, snrs. Ferreira & Irmão, Banharia, 77 e 79.

PILULAS DO DR. BLAUD

preparadas com o mais grão successo, mais de 40 annos por a maior parte dos medicos por curar a *chlorosis* (fluor branco) doença das mancebas filhas e todas as molestias chloróticas. Eis aqui a opinião dos mais eminentes medicos que as têm experimentado:

«Depois 35 annos que exerço a medicina, tenho reconhecido a este medicamento (Pílulas de Bland) vantagens incontestáveis sobre todos os outros ferreos e eu o miro como o melhor anti-chlorótico.»

Dr. DOUBLE, ex-presidente da Academia de Medicina.

«De todas as preparações ferreas que nos hão dado bons resultados no tratamento das affecções chloróticas, as pílulas de Bland parece-nos devem estar na primeira fila.» — *Dictionnaire univ. de Medicina*, t. II, page 99.

Como prova da authenticidade, o nome do inventor está gravado sobre cada pílula como aqui junto.

Depositos: Paris, 3, r. Payenne.

Em Lisboa, snr. Barreto, Loreto n.º 28—3.

LOMBRIGA SOLITARIA

Cura com os GLOBULOS SECRETAN, pílulas laudado e decorado. Unico remédio infallivel, inoffensivo, facil de tomar e digerir, empregado com exito constante nos hospitais de Paris. — Sempre bom resultado. — Endoidto: SECRETAN, 37, avenue Friedland, PARIS. — 10 FRANCOIS EM PARIS. Evitar as Imitações.

Em Braga—Pharmacia dos Orfãos.

Vende-se duas moradas de casas na rua de Santo Antonio das Travessas, foreiras ao Cabido, com os n.ºs 21 e 22. Tambem se vende outra morada na travessa das Chagas, com o n.º 1.

Quem as pretender comprar falle na rua das Chagas n.º 14. (286)

ASYLO DE D. PEDRO V

A Direcção do Asylo d'Infancia Desvalida de D. Pedro V faz publico que, em consequencia de não ter sido levada a effeito a arrematação a que se referia o annuncio de 8 de maio findo, de novo recebe propostas, em carta fechada, para o fornecimento de todas as ferragens que forem precisas para as portas, portadas e caixilhos do edificio do extinto convento da Penha, executadas conforme os modellos que estão patentes, todos os dias uteis, nas obras do referido edificio.

As ferragens serão de ferro suecio de boa qualidade e obras com a perfeição dos modellos.

Os proponentes obrigar-se-hão a fornecer as ferragens para uma porta e vinte e nove janellas dentro do prazo de 40 dias, a contar da data da arrematação, e as restantes no prazo de oito mezes depois d'aquelle fornecimento, e apresentarão um fiador idoneo que garanta a pontual execução do contracto.

As propostas designarão o preço de cada peça de ferragem, referido ao numero designado no modelo que lhe corresponder, e serão entregues no referido edificio do extinto convento da Penha, até o dia 7 do corrente, ás seis horas da tarde, em que serão abertas perante a Direcção, sendo accete a que offerecer preços mais favoraveis, se estes convierem.

Braga 1 de junho de 1880.

O secretario,
José Maria Gomes Bello.

RECLAMAÇÕES

A junta de parochia de S. João do Souto d'esta cidade, faz saber que se acha em reclamação por espaço de 15 dias, a contar de hoje, a derrama para as despesas da parochia do anno de 1878 a 1879.

Convida portanto os parochianos d'esta freguezia a examinar as colectas que lhes pertence pagar, o que poderão vêr e examinar desde as 8 até ás 6 horas da tarde, em casa do thesoureiro da junta, o snr. M. J. Barbosa de Brito, na Praça do Barrão.

Braga 24 de maio de 1880.

O presidente

(278) João d'Oliveira e Silva.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA LOMAR

Rua do Souto, 28 e 29

Recebeu directamente do estrangeiro uma linda collecção de lãs para vestidos, linhos, cretons, capas, manteletes, rubeiras, fichus, sombrinhas, saias de côr e brancas, laços, mantas, vestidos para criança, chapéus para snr.ª e criança, grande quantidade de legues para todos os preços, mantas e colarinhos para homem, e muitos outros artigos de moda, que vende por preços muito rasoaveis. (279)

VENDA

DA

LAPA DOS ESTEILOS OU DOS POETAS

Volta novamente á praça no 1.º do proximo mez de julho, ao meio dia, a casa e quinta das Cannas, aros de Coimbra, no valor de doze contos de reis, e será *impreterivelmente* entregue n'esse dia a quem mais offerecer sobre a referida quantia. A praça terá logar na casa da mesma quinta, e declara-se que se não vende a mobilia, gados, e mais objectos alli existentes; e bem assim se declara que são completamente destituídos de fundamento os boatos propalados de se tomarem lanços para depois entregar o predio a certa e determinada pessoa.—*Entrega-se a quem mais der na fórma do presente annuncio.* (266)

CAPELLANIA

A Meza administradora do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte faz publico que se acha vago um logar de capellão do mesmo Sanctuario, com o ordenado annual de 180\$000 reis, casa para viver, e obrigação de missa diaria com tenção preza.

Os revm.ºs snrs. sacerdotes que o pretendam devem apresentar seus requerimentos, com declaração de que se acham habilitados para confessores, ao secretario da Meza, no largo do Paço n.º 4, até ao dia 10 de junho proximo futuro.

Braga 21 de maio de 1880.

O presidente

João de Paiva Faria Leite Brandão. (262)